

O Mundo Virtual e os Homens-Coisas

No Universo dos Coletivos Pensantes

João Luís de Almeida Machado¹

O que acontece com a distinção bem marcada entre o sujeito e o objeto do conhecimento quando nosso pensamento encontra-se profundamente moldado por dispositivos materiais e coletivos sociotécnicos? Instituições e máquinas informacionais se entrelaçam no íntimo do sujeito. A progressão multiforme das tecnologias da mente e dos meios de comunicação pode ser interpretada como um *processo metafísico molecular*, redistribuindo sem descanso as relações entre sujeitos individuais, objetos e coletivos. Quem pensa? É o sujeito nu e monádico, face ao objeto? São os grupos intersubjetivos? Ou ainda as estruturas, as línguas, as *epistemes* ou os inconscientes sociais que pensam em nós? Ao desenvolver o conceito de *ecologia cognitiva*, irei defender a idéia de um coletivo pensante homens-coisas, coletivo dinâmico povoado por singularidades atuantes e subjetividades mutantes, tão longe do sujeito exangue da epistemologia quanto das estruturas formais do ‘pensamento de 68’. [LEVY, 2002. p.10-11]

Pensamos por nós mesmos. Assim acredita a maioria das pessoas. Outra aparente certeza que temos relaciona-se ao fato de que nossas identidades direcionam nosso olhar de forma única, exclusiva. Será mesmo? Até que ponto é possível afirmar que somos únicos e que pensamos por nós mesmos? Quantas influências existem sobre nós? Certamente, dirão alguns, há as influências familiares. Também a escola e os professores acabam em muitos momentos orientando nosso pensamento e ação. Não podemos nos

¹ João Luís de Almeida Machado é doutorando em Educação: Currículo pela PUC-SP; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pelo Mackenzie [SP]; Graduado em História pela Univap [Universidade do Vale do Paraíba]; Autor do livro “Na Sala de Aula com a Sétima Arte – Aprendendo com o Cinema” [Editora Intersubjetiva]; Editor, Articulista e Palestrante do portal *Planeta Educação* [www.planetaeducacao.com.br]; Responsável pelo blog *Escolhendo a Pílula Vermelha* [http://escolhendoapilulavermelha.blogspot.com].

esquecer dos amigos, da religião, do contexto social, das possibilidades econômicas, dos contatos culturais...

Isso significa então que as perguntas que originam esse artigo já estão respondidas? Afinal de contas, de certa forma, já pudemos definir que há inúmeras influências sobre o nosso ser e, como consequência disto, sobre o nosso pensar. Influências estas que, de acordo com os cientistas, iniciam-se antes mesmo do momento em que nascemos, ainda no útero materno, a partir do contato com os nossos pais. Músicas que eles escutam, palavras que direcionam ao filho ainda em evolução, preocupações, alegrias e tantas outras sensações vividas e apresentadas ao bebê que, de acordo com especialistas e pesquisadores, já orientam o caminho desse pequeno ser em direção ao mundo externo, alheio e desconhecido ao protegido intra-uterino materno.

Ou ainda, influências claras e deliberadas, aprovadas pela família e relacionadas ao seu modo de viver e pensar o mundo, como aquelas provenientes da escola ou da religião. Quando as crianças são encaminhadas pelos pais para uma determinada escola, já se pode notar que para a família existe algum interesse, valor e utilidade na referida instituição. Esses juízos de valor, expressos a partir de atitudes e ações relativamente ao mundo em que vivemos já são formadores e indicadores de práticas e pensamentos a serem adotados pelas crianças em suas vidas futuras.

O mesmo é válido quanto à religião, ou seja, a participação em escolas dominicais ou em cursos de catecismo tem o claro e evidente propósito de orientar as crianças quanto aos valores que a família considera básicos e universais. Isto constitui mais uma parte formativa e valorativa quanto a compreensão de mundo ensejada pela família aos filhos. Heranças que, por sua vez, foram legadas aos pais pelos avós e assim sucessivamente dentro da árvore genealógica das várias famílias que compõem o pano social de um município, de um estado ou de uma nação.

E se não bastassem esses encontros tão marcantes e próximos, há também aqueles em que estamos distanciados de nossos interlocutores, mas que, ainda assim, legam saberes e pensamentos que influenciam nossas práticas e existências. Quando lemos um livro, assistimos a um filme ou escutamos música isso pode e inúmeras vezes acontece. Quem nunca viveu situação como essa que “atire a primeira pedra”... Somente essa citação, de

certa forma, já comprova a ligação que temos com livros, filmes, músicas e outras referências culturais.

Podemos então, afirmar categoricamente, que nosso ser, pensar e agir, que tanto pensamos único e exclusivo, é construído a partir de ação coletiva que inclui além de nós mesmos - que temos vontade própria e poder de decisão a partir do momento em que nascemos e que desenvolvemos com o passar dos anos e uma mais clara compreensão do todo em que vivemos – os nossos pais, tios, avós, amigos, professores e demais pessoas com as quais travamos contato ao longo de nossas existências, inclusive muitas com as quais não temos nem ao menos contato físico presencial, como músicos, compositores, cineastas, atores, escritores, pensadores ou filósofos?

Certamente é possível afirmar isso. A construção de nosso ser e pensar e, como consequência, de nosso agir é coletiva. Somos fruto de nosso tempo e das interseções que desenvolvemos ao longo da vida. Os pontos de encontro são decisivos para que tomemos praticamente todas as decisões que iremos ter pela frente. Da cor de nossas roupas ao tipo de automóvel que compraremos [ou mesmo se iremos utilizar carros, bicicletas, transporte coletivo ou se andaremos a pé para proteger o meio-ambiente]; da profissão que escolhermos ao cônjuge com o qual casaremos [se isso ocorrer, pois podemos também ser instados a não nos casar, apenas juntando “os trapos” ou mesmo aderindo a uma vida solteira para sempre]; das comidas que ingerimos aos livros que lemos; dos filmes que assistimos aos amigos que nos acompanharão...

E o que há de novo nessa afirmação/constatação? Aparentemente nada, pelo menos aos olhares mais atentos. São apenas constatações que podem passar despercebidas a pessoas menos ligadas no processo desenvolvimento e de formação dos seres humanos. A diferença é aquela apreciada na citação do início do artigo, de autoria de Pierre Lévy, que dá origem ao título diferenciado, em que falamos de homens-coisas, coletivos pensantes e mundo virtual.

Essa não é uma compreensão fácil aos olhares desatentos de todos nós, ainda mais num momento de transição como o nosso, em que a velocidade tornou-se tônica no movimento do planeta e dos homens. Devorados como somos pelo cotidiano e pelas respostas prontas e para

“ontem” que devemos dar, ainda não conseguimos nos dar conta de que além de todas as interseções com seres humanos, diretas ou indiretas, estamos também criando elos e nos relacionando de modo cada vez mais marcante e acentuado com tudo e todos através das tecnologias de informação e comunicação [TICs].

Mais importante ainda, ainda não é perceptível aos olhares humanos que essa interseção não se dá apenas como relação entre seres vivos e plataformas constituídas por objetos, coisas, elementos produzidos e elaborados pelas mãos dos próprios homens. Não estamos usando computadores e Internet apenas como meios para comunicar idéias, nesse exato momento incorporamos e vivificamos essas ferramentas de forma a praticamente torná-las partes de nosso próprio corpo, como continuação de nossos seres, daí a afirmação de Lévy quanto aos homens-coisas ter mais e mais sentido ainda.

Michel Serres sugeriu em *La Distribution* [97] que a máquina a vapor não era apenas um objeto, e um objeto técnico, mas que podíamos analisá-la como o modelo termodinâmico através do qual autores como Marx, Nietzsche ou Freud pensavam a história, o psiquismo, ou a situação do filósofo. Eu mesmo tentei mostrar, em *La Machine Univers* [71], que o computador havia se tornado hoje um destes dispositivos técnicos pelos quais percebemos o mundo, e isto não apenas num plano empírico [...], mas também num plano transcendental hoje em dia, pois, hoje, cada vez mais concebemos o social, os seres vivos ou os processos cognitivos através de uma matriz de leitura informática. [LÉVY, 1993, p.15]

O livro escrito pelo pensador francês, e traduzido para o português com o título “As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na Era da Informática” antecipa já em 1990 uma realidade que é cada vez mais presente, a da ecologia cognitiva, como ele mesmo a define, em que homens e máquinas são tão essenciais um ao outro para a realização do cotidiano, do pensamento e do trabalho, que sua dissociação tornou-se inimaginável e refutável por praticamente todo mundo.

As pessoas não querem e não conseguem entender um futuro próximo e distante, assim como o próprio presente, sem a onipresença dessas máquinas e de todos os trunfos trazidos por ela. As características e qualidades das tecnologias de informação e comunicação, acopladas a todos os outros recursos técnicos previamente inventados e disseminados pelos homens, traz em si a idéia do mundo eficiente. Essa eficiência pauta-se na possibilidade, por exemplo, da divulgação em larga escala, num período de tempo brevíssimo, de notícias, dados, informações e até mesmo reflexões, através de portais, sites, blogs e afins.

Essa tecnologia quebrou barreiras físicas e temporais de forma nunca antes prevista pela humanidade, a não ser através da ficção científica. E toda essa transformação traz em si a promessa da realização profissional, pessoal, coletiva ao nos fazer, também onipresentes a partir da interseção que passamos a ter com as máquinas, enquanto abastecedores de todo um universo de informações que pode ter, desde finalidades relacionadas ao trabalho, à família, as relações íntimas, a solidariedade...

A questão levantada por Lévy e que mobiliza essa reflexão é aquela relativa ao fato de que estamos adentrando essa realidade sem a plena compreensão de que não apenas utilizamos as máquinas [TICs], mas que estamos nos fundindo a elas e que, isso implica numa nova relação entre os seres humanos e o mundo, que resvala em praticamente todo o resto, do meio ambiente a família, da escola ao trabalho, das amizades a alimentação...

Indo um pouco além dessa proposição inicial de Lévy, vale também colocar em pauta se ao entrarmos tão radicalmente nessa realidade [ou virtualidade, se assim desejarem, pois esta esfera está praticamente toda vinculada ao real a partir do advento e propagação e das TICs] não estamos nos “coisificando” ao invés de humanizando as relações nesse “admirável mundo novo” [parafraseando Aldous Huxley]. E, até mesmo, torna-se necessário saber o que pretendem as pessoas que estão encabeçando essa revolução tecnológica e até onde pretendem ir. O Google, por exemplo, de acordo com as palavras de seus próprios criadores tem a intenção de promover o surgimento de uma inteligência artificial que seja capaz de antever e se antecipar ao próprio pensamento humano, superando-o.

Eric Schmidt disse que o produto supremo da companhia [Google], aquele que ele “sempre quis fabricar”, não esperaria para responder suas perguntas; ele “me diria o que digitar”. Em outras palavras, ele daria uma resposta sem ouvir a pergunta. O produto seria uma inteligência artificial. Poderia ser até, citando Sergey Brin mais uma vez, “um cérebro artificial mais inteligente que o nosso”. [CARR, 2007]

A simples constatação da criação de interfaces que conectam os seres humanos às tecnologias e os transformam num único ser não é um passo simples como, a princípio, parece. Quando os espanhóis invadiram o Império Asteca montados em cavalos e equipados com seus elmos e armaduras a lhes protegerem a cabeça e o peito, incrédulos nativos americanos pertencentes a uma civilização esplendorosa pensaram estar diante de um único ser. As armas de fogo empunhadas pelos invasores tornaram ainda mais espantosas e assustadoras tal visão, a ponto de os astecas imaginarem que os espanhóis eram seus próprios deuses enfurecidos, que lhes aplicavam algum tipo de punição.

A antevisão desse fenômeno por Lévy também aconteceu através da ficção científica, popularizada através do cinema através de produções como os clássicos *2001 – Uma Odisséia no Espaço, 1984* [baseado na obra de George Orwell] e *Matrix*. O primeiro, filmado com maestria por Stanley Kubrick, nos coloca a sombria possibilidade das máquinas inteligentes não se acomodarem na posição de subalternas da espécie humana [o que também acabou sendo sugerido no filme *O Exterminador do Futuro*, de James Cameron]. A obra cinematográfica baseada em Orwell sugere, por sua vez, que a onipotência e a onipresença da tecnologia poderiam ser utilizadas pela própria humanidade para criar um mundo submisso a interesses muito específicos e particulares [o que também pode ser percebido em *Brazil* - o filme, de Terry Gilliam]. *Matrix*, dos irmãos Wachowski, por sua vez, ao mostrar Neo conectado a *Matrix*, como tantos outros seres humanos, a abastecer o sistema inteligente enquanto força motriz, verdadeira bateria humana, preconiza a simbiose entre homens e máquinas, o surgimento do homem-coisa, que existe para manter corpos e sistemas maiores do que simplesmente

o seu, distantes o suficiente para que ele nem ao menos compreenda que está sendo utilizado com esse intuito, alimentado em seus interesses para que em nenhum momento questione a ordem estabelecida, que a seus olhos, parece mais que razoável... Será que é isso que queremos? Ou ainda, será que já não estamos vivendo essa realidade?

Referências

Bibliografia

CARR, Nicholas. *A grande mudança: Reconectando o mundo, de Thomas Edison ao Google*. São Paulo: Landscape, 2008.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

Filmografia

1984. Direção de Michael Radford. São Paulo: MGM, 1984 [113 min.].

2001 – Uma Odisséia no Espaço. Direção de Stanley Kubrick. São Paulo: Warner Home Vídeo, 1968. DVD [149 min.].

Brazil – O filme. Dir. Terry Gilliam. São Paulo: Fox Home Entertainment, 1985 [131 min.].

O Exterminador do Futuro. Direção de James Cameron. São Paulo: Fox Home Entertainment, 1984. DVD [107 min.].

Matrix. Direção de Andy e Larry Wachowski. São Paulo: Warner Home Vídeo, 1999. DVD [136 min.].